

Considerações finais

Depois de ter analisado as teses, e as suas respectivas refutações, pretendemos agora refletir sobre as considerações que podemos retirar desses movimentos em relação à postura platônica frente à investigação sobre a linguagem.

É comum encontramos ao final de diversas análises do *Crátilo* a seguinte pergunta: afinal, qual das teorias Sócrates - ou Platão - defende? O convencionalismo? O naturalismo? Um, por assim dizer, convencionalismo-naturalista? Ou nenhuma destas opções? Percebe-se certo desconforto, entre os comentadores, com a possibilidade de visualizarmos um final aporético, ao não encontramos a tese socrática em relação à correção dos nomes, para o diálogo. E na tentativa de apresentar um veredito final de Sócrates, frente ao embate entre o convencionalismo e o naturalismo, há nos comentadores uma acirrada disputa acerca da posição socrático-platônica apresentada ao final do diálogo.¹⁰⁷

Já outros autores, por sua vez, defendem a ideia da necessidade de aproximar o *Crátilo* de outros diálogos para podermos melhor compreender as intenções de Platão ao escrever tal diálogo. É o caso, por exemplo, de Rachel Barney e Monique Dixsaut. Dixsaut acredita que o *Fédon* seja um complemento do *Crátilo* e que, por isso, nos ajuda a compreender as reflexões platônicas em torno do *logos*. Isto porque, para tal autora, enquanto o *Crátilo* trata de algumas impossibilidades, isto é, de falar tecnicamente da linguagem e dos nomes nos darem um conhecimento verdadeiro sobre as coisas, o *Fédon* - por tratar de temas como a imortalidade da alma, a reminiscência e a posição separada das Formas - tem uma visão mais positiva com relação ao *logos*, sendo, então, o verdadeiro diálogo sobre a correção das nomeações¹⁰⁸. Rachel Barney, por sua vez, pretende ressaltar o caráter político da discussão desenvolvida no *Crátilo*, pois tanto o

¹⁰⁷ Vimos uma perspectiva dessa disputa quando, no **Capítulo I**, analisamos os argumentos de Robinson a favor da tese de que Platão defende a visão convencionalista.

¹⁰⁸ Para mais detalhes dessa aproximação entre o *Fédon* e o *Crátilo*, ver o capítulo IV, *Hádes Philosophe*, do livro de Monique Dixsaut.

convencionalismo de Hermógenes, por usar um vocabulário tipicamente político (*syntheke* e *nomos*), quanto o naturalismo de Crátilo, ao fazer uma análise da atividade de um especialista na formação de leis (o *nomothetes*), têm conotações com teorias políticas. Em função disso, Barney aproxima o *Crátilo* de diálogos como *A República* (principalmente o diálogo com Trasímaco no Livro I), *Leis* e *Político*.¹⁰⁹

Essas discórdias e diversidades em relação à interpretação do *Crátilo* são geradas, principalmente, pelo modo circular como Platão apresenta suas refutações às teses debatidas, isto é, Sócrates refuta a tese de Hermógenes com argumentos a favor do naturalismo de Crátilo (principalmente no segundo momento de sua refutação), e na refutação desta última teoria, Sócrates fala da necessidade das convenções¹¹⁰ e do costume (no segundo movimento da refutação do naturalismo) na discussão sobre a correção dos nomes. Desse modo, é possível afirmar que o que falta ao convencionalismo é a existência de uma realidade que independe dos homens para sustentar a formação e o uso dos nomes, de modo que eles não sejam meras atribuições arbitrárias; já ao naturalismo, falta a presença da convenção e do costume para assegurar o bom funcionamento da linguagem frente aos limites de sua natureza mimética. Por conta disso, pode-se dizer que o final aporético está tanto no fato de Sócrates não dar um veredito final ao embate entre o convencionalismo e o naturalismo, quanto de não apresentar uma via alternativa para tal antagonismo.

Entendemos que, ao longo do diálogo, Platão dá algumas indicações de que a discussão acerca da correção dos nomes, principalmente o antagonismo *nomos* e *physis*, não é uma temática de grande interesse filosófico, todavia, por detrás desse tópico da correção dos nomes, há um tema de crucial importância: a linguagem frente ao problema ontológico e epistemológico. E por isso, podemos dizer que a partir do *Crátilo* é possível perceber o modo como Platão acrescentou a investigação sobre a linguagem dentro de seu, por assim dizer, programa filosófico. E compreendemos que o modo circular como Platão desenvolve suas

¹⁰⁹ Para mais detalhes dessa relação, ver páginas 156-162 do artigo *Plato on conventionalism*.

¹¹⁰ Mesmo que a contra gosto. Como vimos mais acima, Sócrates, em 435c-d, fala da convenção como sendo um ‘dispositivo grosseiro’.

refutações é uma indicação da irrelevância dessa pesquisa sobre a verdadeira tese acerca da correção dos nomes. Podemos falar, também, de outras indicações como o caráter cômico, como vimos, com que Platão abre¹¹¹ o diálogo, no que diz respeito ao conhecimento de Pródico sobre tema, e a grande extensão dada às etimologias.

Por conta disso, acreditamos que o mais importante não é saber qual é a tese socrático-platônica sobre a correção dos nomes, mas sim perceber, na argumentação do diálogo, o modo como Platão direciona tal questão e a inclui em suas investigações filosóficas, pois, como foi dito acima, Platão faz indicações, ao longo do diálogo, da irrelevância do embate entre o convencionalismo e naturalismo em relação à correção dos nomes. Entendemos, então, que uma análise comparativa do modo como as duas teses foram refutadas, possa nos indicar a postura platônica em relação à linguagem.

Ao realizar tal comparação entre a refutação socrática do convencionalismo e do naturalismo, percebemos que as duas refutações seguem uma mesma trajetória e, pelos temas abordados nessa trajetória, notamos que Platão usa o mote da correção dos nomes para enveredar numa discussão mais ‘filosófica’ em relação ao uso da linguagem. É possível resumir essa trajetória em três grandes movimentos: **a)** a possibilidade do falso, do erro ou da incorreção; **b)** a existência de uma realidade que independe dos homens; e **c)** a função ou poder (*dynamis*) da linguagem em relação ao conhecimento das coisas. Tendo em mente esses três tópicos, Platão conseguirá apresentar as particularidades de seu pensamento frente às duas correntes do pensamento grego na discussão acerca da linguagem.

Como dissemos anteriormente¹¹², tanto o convencionalismo quanto o naturalismo, a partir de argumentos diferentes, desembocam na tese sobre a impossibilidade de dizer o falso. E Platão inicia a refutação de ambas as teses tratando da necessidade da existência do erro e da incorreção. Ao tratar desse tema, Platão nos desloca para a famigerada tese de Parmênides em relação à impossibilidade de pensar e dizer o não-ser que, por sua vez, foi reapropriada pela

¹¹¹ E em outras passagens ao longo de todo diálogo.

¹¹² P.28

sofística para discutir a validade do conceito de verdade. Contra o convencionalismo, Platão usa o controverso argumento sobre a possibilidade de o discurso e suas partes (os nomes) serem falsos, já contra o naturalismo, Platão trata do valor mimético dos nomes. Enfim, acreditamos que a validade¹¹³ dos argumentos apresentados por Platão para defender a possibilidade do erro e da falsidade seja discutível, mas o que acreditamos ser importante perceber é a transposição de uma investigação sobre a correção dos nomes (*orthotes onomaton*), para uma investigação sobre possibilidade de “*dizer através do discurso as coisas que são e as que não são. (legein ta onta te kai me)*”

Ainda no que diz respeito a este ponto, as polêmicas existentes sobre a validade da discussão realizada por Platão no *Crátilo* acerca do erro ou da falsidade, vem, principalmente, da falta de esclarecimento sobre a relação entre os termos correção (*orthotes*) e verdade (*aletheia*). No início do diálogo, esses termos parecem ser apresentados como sendo sinônimos, de tal modo que falar corretamente seria o mesmo que falar de modo verdadeiro, contudo, no decorrer do diálogo este tema não é desenvolvido com mais detalhes. Essa falta de esclarecimento da relação entre correção e verdade, unida à pouca extensão dada a esta discussão sobre a verdade e a falsidade, fez com que se desse pouca importância ao diálogo no que diz respeito ao pensamento de Platão. Mais uma vez, o que acreditamos ser importante aqui é o fato de Platão mudar o foco da discussão, saindo de um debate restrito sobre a correção dos nomes, para um tema de maiores pretensões filosóficas e bastante frequente no contexto do pensamento grego: a impossibilidade do falso.

O segundo passo de Platão na trajetória das refutações das teses apresentadas no diálogo trata da existência de entidades que independem dos homens. Aqui surge a discussão sobre as Ideias. As Ideias aparecem, primeiramente, no segundo argumento contra o convencionalismo e tem como objetivo refutar a teoria relativista de Protágoras, que, por sua vez, aparece como sendo o mentor teórico da tese de Hermógenes, ou seja, Platão relaciona a arbitrariedade do convencionalismo proposto por tal personagem com o

¹¹³ Principalmente se tivermos em mente as discussões realizadas no *Sofista*.

relativismo protagórico. Com a ideia de que as coisas e as ações possuem uma natureza estável independente dos homens, Sócrates impossibilita a tese de Protágoras de que os homens são a medida das coisas. Aqui o argumento se desenvolve no campo da prática, se quisermos realizar e/ou produzir algo, é necessário investigar a natureza (*ousia*) daquilo que queremos fazer e/ou produzir, e só agiremos bem se seguirmos esta natureza. Com relação aos nomes, as Formas dos nomes seriam as entidades estáveis que possibilitam a uniformidade dos significados independentemente das variações entre as línguas existentes. Enfim, as Formas surgem nesse momento como sendo um paradigma para as ações e aquilo que sustenta o significado das palavras.

Já na refutação do naturalismo, as Ideias surgem com a intenção de contradizer a teoria que sustenta a tese de Crátilo: o mobilismo de tendência heraclítica. Se o mundo fosse do modo como os heraclíticos o apresentam, isto é, um mundo em constante fluxo, as coisas não existiriam (por falta da relação de identidade), os sujeitos também não e, com isso, não poderia haver conhecimento. Então, aqui as Ideias surgem como sendo as entidades estáveis que sustentam a existência e o conhecimento das coisas. Daí a importância ontológica e epistemológica dessas Formas estáveis e independentes.

Vemos, por fim, que as Ideias aparecem no *Crátilo* para refutar as teorias que servem de base para as teses apresentadas e criar um paradigma para a existência dos seres, o conhecimento acerca das coisas e nossas ações no mundo. Platão cria o mundo das Formas para impedir os perigos éticos, epistemológicos e ontológicos do relativismo de Protágoras e do fluxo contínuo dos heraclíticos. Com outras palavras, Platão, ao apresentar o mundo das Ideias, revela uma realidade independente que é ontologicamente, logicamente e temporalmente superior ao conhecimento humano, e mais, tal realidade se torna o critério para as investigações humanas e até para o uso da linguagem.

O último momento da trajetória que visa refutar as teses apresentadas, pretende discutir sobre a função dos nomes. Tanto na refutação do convencionalismo quanto na do naturalismo, Sócrates questiona seus interlocutores sobre o papel dos nomes. Contra a tendência subjetivista ou

relativista de Hermógenes, os nomes não podem ser meras construções idiossincráticas ou arbitrárias, pois eles têm a função de distinguir as entidades e ser um instrumento de ensino (388c). Já contra Crátilo e a sua crença na impossibilidade de incorreção dos criadores míticos dos nomes, os *nomothetai*, Platão fala que os nomes não são a via de acesso mais segura para o conhecimento das coisas, exatamente pelos limites impostos por sua natureza mimética; e mais, como ressalta Catherine Dalimier¹¹⁴, neste último argumento fica claro um dos principais objetivos de Platão ao escrever o *Crátilo*: fazer uma crítica a todos aqueles que defenderam a tese de que uma investigação linguística (acerca do uso correto dos nomes) seja suficiente para concluir as investigações ontológicas e epistemológicas.

Partindo da possibilidade do erro e da falsidade, passando pelas Ideias e chegando na função ou poder (*dynamis*) da linguagem, essa é a trajetória que Platão toma para refutar as teses discutidas no diálogo, e esta trajetória serve, também, para demonstrar sua atitude frente ao modo como a discussão sobre a linguagem se desenvolvia entre outros pensadores da época. Ele demonstra que a discussão sobre a linguagem tem preocupações mais sérias do que a simples investigação sobre o modo correto de se usar e formar nomes. Deixando de lado esse tema da correção, Platão trata da relação que os nomes têm com os objetos e da necessidade de um suporte metafísico que coordene o *logos* em seu compromisso de nos levar ao verdadeiro conhecimento das coisas. Como dissemos na introdução¹¹⁵, Platão no *Crátilo* revela o modo como ele irá direcionar suas investigações sobre a linguagem, ou seja, ele cria as bases de seu olhar filosófico sobre a linguagem, que ele irá desenvolver em diálogos como, por exemplo, *Fedro*, *Parmênides* e *Sofista*.

Frente ao que falamos, também, na introdução, que Platão em alguns de seus diálogos esteja realizando uma demarcação entre a filosofia e outras expressões do pensamento grego, como, por exemplo, a sofística, qual é a demarcação feita aqui no *Crátilo*? Platão coloca Sócrates como juiz de um debate acerca de um dos tópicos frequentes do ensinamento sofístico, a correção dos

¹¹⁴ Na nota 421 de sua tradução do *Crátilo*.

¹¹⁵ p.13.

nomes, onde são apresentadas duas teses que, por sua vez, representam duas tendências nas discussões lingüísticas no pensamento grego: o convencionalismo de Hermógenes, representante do pensamento sofístico, mas que não é um sofista propriamente dito e sim um jovem habituado às discussões sofísticas; e o naturalismo de Crátilo, personagem caracterizado com uma postura mítica e oracular, sectário do fluxo contínuo de tendência heraclítica. De um lado, temos a tese de que os nomes são atribuições arbitrárias, não havendo, por isso, um suporte objetivo que sustente seu uso e formação, e do outro lado, o naturalismo de Crátilo defensor da tese de que cada coisa possui apenas um nome correto em concordância com sua natureza.

Com Hermógenes temos em cena o famoso embate entre a filosofia e a sofística, em uma discussão sobre a linguagem. No livro *Gorgias – sophist and artist*, Scott Consigny trata¹¹⁶ da diferença entre a teoria de Platão e de alguns sofistas com relação ao *logos*, e para demarcar esta distinção, o autor trata a filosofia platônica como sendo ‘fundacionalista’ e o pensamento dos sofistas com sendo ‘antifundacionalista’. Isto é, Platão, ao apresentar a independência e a superioridade ontológica e epistemológica das Formas, faz com que estas sejam os critérios para uma investigação que busca o verdadeiro conhecimento sobre as coisas e, o que nos interessa aqui, a produção de um discurso significativo. Já a tendência antifundacionalista dos sofistas, no geral, apresenta uma visão diferente com relação ao conhecimento, a verdade e a linguagem. Diz ele:

*“Primeiramente, muitos antifundacionalistas caracterizam o discurso como sendo um comportamento social em que as palavras adquirem sentido, não fazendo referência a entidades independentes no mundo, mas sim desempenhando um papel no que Wittgenstein chama de jogos de linguagem, formas de vida humana que envolvem o discurso, e em vários aspectos são informados por ele. Eles, portanto, rejeitam a noção de que qualquer uso da linguagem é capaz de fornecer uma explicação imparcial e sem preconceitos da verdadeira natureza das coisas ou ser uma janela transparente para uma ‘realidade’ independente.”*¹¹⁷

¹¹⁶ P.61-66.

¹¹⁷ “First, many antifoundationalists characterize discourse as a form of social behavior in which words acquire meaning, not by referring to independent entities in the world, but by playing a role in what Wittgenstein calls language games, human forms of life involving, and in various respect informed by, speech. They thus reject the notion that any use of language is able to provide

Consoante a isso, podemos dizer que Platão, no *Crátilo*, ao refutar a tese convencionalista – e o relativismo protagórico – de Hermógenes, faz uma crítica à tendência antifundacionalista dos sofistas. Já ao colocar em cena, e depois realizar a refutação da tese cratílana de que os nomes foram formados de maneira perfeita pelos *nomothetai* e que nomes são a via de acesso mais segura para o conhecimento acerca das coisas, Platão critica a tendência de dar respostas simplistas com relação à linguagem e à origem dos nomes, utilizando, principalmente, argumentos que tratam da origem mítica da linguagem. E entendemos, também, que Platão utiliza a seção das etimologias para criticar e revelar as falhas e arbitrariedades de tais procedimentos.

Tendo isso em mente, podemos dizer que encontramos no diálogo em questão um posicionamento de Platão frente ao modo como a discussão sobre a linguagem era tomada em duas das perspectivas existentes: ele se afasta, primeiramente, do estudo sofístico, onde não há nenhum fundamento objetivo que direcione e coordene o uso da linguagem, que se envereda no aperfeiçoamento do uso das palavras e dos efeitos proporcionados por esta nos ouvintes ou leitores, ou seja, que faz da linguagem uma técnica autônoma; e, por outro lado, se afasta também da tradição que propõe teorias da linguagem fundadas nos mitos com a intenção de dizer que a análise dos nomes é suficiente para resolver problemas ontológicos e epistemológicos.

Em função do que foi dito, tendemos a concordar com Simon Keller¹¹⁸ ao se questionar sobre a brevidade com que Platão refuta os alicerces teóricos das teses discutidas, isto é, Protágoras e Heráclito. Para o autor, principalmente com relação à discussão sobre o pensamento de Heráclito, o foco principal do diálogo não é fazer uma crítica metafísica ou ontológica das teorias debatidas, mas sim uma crítica metodológica, ou seja, um dos objetos principais de Platão ao elaborar o *Crátilo* era revelar as falhas de alguns métodos de investigação existentes – entre eles a etimologia – e tentar visualizar qual seria o método de investigação que a

an impartial, unbiased account of the true nature of things or a transparent window upon an independent 'reality'.” P.66

¹¹⁸ P. 303-304

filosofia deve adotar para alcançar o seu fim, isto é, a compreensão da verdadeira realidade.

Então, encontramos no *Crátilo* a postura filosófica tomada por Platão acerca de uma discussão linguística comum na época e, além disso, o diálogo é um importante documento que demonstra uma racionalização da investigação sobre a linguagem que, por sua vez, impulsionou toda a trajetória das investigações linguísticas desenvolvidas posteriormente. A ponto de Lorenz e Mittelstrass, no artigo *On rational philosophy of language: the programme in Plato's Cratylus reconsidered*, dizerem¹¹⁹ que o antagonismo, presente nas discussões lingüísticas, entre as abordagens nominalistas e realistas em torno da linguagem, tem o *Crátilo*, tido como um dos primeiros documentos da filosofia da linguagem, como o grande responsável.

¹¹⁹ p.4.